

A PROPOSTA BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE COLORADO DO OESTE/RO

Márcia Cristina Florêncio Fernandes Moret¹
João Guilherme Rodrigues Mendonça²

RESUMO

O ensino da língua portuguesa faz parte do currículo escolar regular e seu domínio estabelece uma relação com a sociedade, constituída pela maioria de ouvintes. Nesse ponto existe a preocupação da educação dos surdos, que estão concluído o ensino médio sem saber ler e/ou produzir na língua portuguesa. Essa problemática afeta o desenvolvimento social desses sujeitos, uma vez que a língua portuguesa é sua segunda língua e LIBRAS sua língua materna. Esse conflito mostra que o aluno surdo é incluído nas escolas regulares, mas sem o direito a uma educação bilíngue, que dispõe o ensino e uso da LIBRAS nas aulas. Essa pesquisa de cunho bibliográfico tem como objetivo mostrar a eficácia da proposta bilíngue no processo de alfabetização dos surdos e proporcionar mais oportunidades e qualidade no processo educacional, uma vez que o oralismo e o bimodalismo/comunicação total não foram capazes de sanar a problemática quanto à alfabetização.

Palavras-chave: Bilinguismo, Alfabetização, Libras.

INTRODUÇÃO

Ao longo da trajetória da educação dos surdos é visível as batalhas e conseqüentemente as conquistas adquiridas por eles, mas sabe que ainda há muito a ser feito. Durante a história,

¹Mestra em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR, Especialista em Tradução e Interpretação da LIBRAS pela Faculdade Santo André – FASA e Educação Especial Inclusiva pela Universidade Norte do Paraná- UNOPAR, Licenciada em Pedagogia – Habilitação em Magistério das Séries Iniciais e Orientação Educacional pela Faculdade de Educação de Jaru – UNICENTRO. Tradutora Intérprete de Linguagem de Sinais do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFRO. E-mail: marcia.moret@ifro.edu.br. Currículo disponível na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0061145463575427>;

² Pós-doutorando em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP); Doutor em Educação Escolar pela Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara (UNESP). Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Especialista em Gestão Escolar e Psicomotricidade. Graduado em Educação Física pela Escola de Educação Física de Volta Redonda e em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia. Atua há mais de 26 anos no Ensino Superior na Universidade Federal de Rondônia em atividades ligadas á docência nos Cursos de Graduação em Educação Física, Psicologia e Pedagogia. Atualmente é docente no Mestrado Profissional em Educação Escolar e no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Infantil/UNIR. Membro do Grupo de estudos do desenvolvimento e da cultura corporal - UNIR e do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) – UNESP. E-mail: jgromendonca@bol.com.br. Currículo disponível da Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4283910757526854>.

Resultado de Pesquisa do Mestrado em Educação Escolar - (UNIR) Universidade Federal de Rondônia.

essa educação passou por duas fases importantes até chegar à fase atual: a primeira foi à fase Oralista que tinha como objetivo a recuperação dos surdos, ou seja, a tentativa de fazer com que os surdos se comunicassem oralmente, não sendo permitidos a esses usar a língua de sinais. Acreditava-se que essa “recuperação” seria a solução para a surdez, pois com a proibição do uso de sinais e do gestual nos ambientes, os surdos teriam que começar a falar para conseguir se comunicar com os demais. A segunda fase foi o Bimodalismo ou Comunicação Total como também é conhecida, que permitia o uso da língua de sinais e a oralidade ao mesmo tempo. Essa fase tinha como objetivo principal o ensino da Língua Portuguesa. Dessa forma o ensino era pautado na estrutura gramatical da língua portuguesa, sendo transmitido aos surdos não a língua de sinais e sim o português sinalizado. Nesse caso desrespeitando a língua materna do surdo.

Segundo Quadros (2008, p. 26) o oralismo e o bimodalismo ainda estão sendo desenvolvidos nas escolas brasileiras, porém com todo o sofrimento e prejuízo essa educação começou a ser vista com um novo olhar e novas buscas para a transição da atual fase que é a proposta educacional bilíngue ou Bilinguismo.

Essa luta da comunidade surda para implantação da proposta da educação bilíngue nas escolas brasileiras é devido ao fato das duas fases anteriores não terem atingido sucesso e acarretado prejuízos na educação dos surdos. Essa nova fase da educação tem como objetivo uma educação de qualidade, sendo transmitidos aos surdos os conteúdos na sua primeira língua (L1) – Língua de Sinais – LIBRAS e a Língua Portuguesa (L2) sendo sua segunda língua ensinada em momentos específicos. Essa proposta já é garantia em Lei desde 2005, mas percebe-se que ainda não está sendo utilizada/implantada nas escolas brasileiras.

Deve-se ressaltar que a LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa como já citado no parágrafo único da Lei 10.436/02, isso porque é uma língua visual-motora e sua escrita ainda é pouco difundida no Brasil e ainda gera muitas pesquisas.

Muitos acreditam que os surdos não precisam aprender a escrita/leitura do português uma vez que já temos no Brasil o sistema de escrita de sinais o Signwriting, que é possível escrever qualquer sinal, em qualquer língua de sinais, ou seja, ele funciona como um sistema de escrita universal, porém esse sistema ainda não é ensinado nas escolas e é pouco difundido até mesmo entre os surdos. Geralmente são usados em escolas especializadas para surdos com classes bilíngues.

Quando falamos na importância do aprendizado da língua portuguesa é para deixar o indivíduo surdo no mesmo princípio de igualdade, pois vemos o sofrimento destes nas etapas de ensino, nas etapas de concorrência em vagas de emprego e outros. Sabe-se que o mundo a

nossa volta é letrado e o surdo pertence a esse mundo. Assim é preciso oportunizar esse ensino de forma correta, onde ele possa ter a aquisição das duas línguas: visual-gestual e escrita/leitura.

Refletindo sobre a educação do sujeito surdo, é evidente que existirá indagações quanto ao êxito no processo educacional, pois se é cobrado uma língua na qual eles não dominam e que não faz parte da sua identidade surda, logo haverá dificuldades e obstáculos a serem superados por esses alunos.

Tem-se vivido em um século com muitas mudanças, e no que se refere à educação de surdos e a inclusão, precisamente nas escolas estaduais da área urbana, da cidade de Colorado do Oeste, essa pesquisa é singular, pois ainda encontramos surdos analfabetos no ensino médio, além da falta de formação profissional para o ensino desses alunos que estão avançando de série sem qualidade da sua educação. Assim essa pesquisa busca identificar os métodos utilizados no processo escolar desses alunos e promover mudanças nessas práticas pedagógicas, pois se aplicará a proposta bilíngue que possibilitará um desenvolvimento da aprendizagem da língua escrita padrão junto aos surdos.

O interesse por esta pesquisa se deu de forma pessoal e profissional, uma vez que no decorrer de minha trajetória estudantil e profissional surgiram inquietações quanto à problemática da alfabetização dos surdos. Durante meu tempo de trabalho, percebi as dificuldades dos surdos quanto à língua portuguesa e a progressão nas séries iniciais do ensino fundamental, apesar do aluno não estar alfabetizado na língua portuguesa, terminando até mesmo o ensino médio sem saberem ler ou produzir em português.

Eles alunos conseguem e tem domínio no conteúdo somente na sua língua, mas muitas vezes se prejudicam nas avaliações por não saberem o português e assim não conseguem expressar a resposta escrita. Devemos pensar que o mundo a nossa volta é usuário da língua portuguesa e que esses alunos devem ter a noção da leitura e da escrita uma vez que os ajudará nessa convivência com o mundo letrado.

Em um projeto de extensão desenvolvido pela pesquisadora no Instituto Federal de Rondônia, Campus Colorado do Oeste, a mesma problemática veio à tona, pois os professores participantes do projeto tinham a mesma angústia quanto à escolarização desses alunos, surgindo então o convite para a pesquisa-ação na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manuel Bandeira, aplicando a proposta bilíngue na alfabetização de uma aluna surda matriculada no 1º ano do ensino médio e que ainda não está totalmente alfabetizada.

Sabendo-se que esses sujeitos têm sua própria cultura, que existe mais de um método pedagógico que permeia essa trajetória e que são pessoas que por anos se sentiram excluídas,

até mesmo das pessoas próximas, só por causa da falta de comunicação, do direito de ser e estar no meio social, sujeito esse conhecido muitas vezes erroneamente como surdo-mudo.

A problemática é que a prática da teoria bilíngue nas escolas regulares ainda não é comum, o que leva muitos profissionais a defender a ideia equivocada sobre a escolarização desses sujeitos.

A pesquisa foi desenvolvida na rede estadual de ensino, uma vez que esses alunos após o término do ensino fundamental ou médio poderão adentrar nos campi do IFRO, trazendo consigo essa problemática da alfabetização.

METODOLOGIA

O ciclo desta pesquisa foi dividido em cinco etapas e deve como meta a resolução do problema encontrado quanto à alfabetização da aluna surda.

A primeira etapa foi realizar o diagnóstico sobre a escolarização da aluna surda, cuja finalidade era identificar a etapa de alfabetização em que se encontrava e assim poder elaborar um plano de ação para o trabalho com a mesma. Esse diagnóstico foi realizado através da aplicação do instrumental Provinha Brasil, reconhecido pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) que tem como objetivo a verificação do nível de alfabetização de alunos matriculados no segundo ano de toda rede pública brasileira e assim buscar por melhorias e sanar o analfabetismo. A segunda etapa foi à elaboração do plano de ação individual com a participação da professora do AEE e da Intérprete de LIBRAS que acompanha a estudante nas aulas. O plano elaborado contém: Atividades destinadas a alfabetização de pessoas surdas embasadas na proposta bilíngue, cujas estratégias serão pautadas no ensino e avaliação de uma segunda língua sendo está a língua portuguesa. A terceira etapa foi a execução do plano de ação, que ocorreu em 2 (dois) bimestres, sendo aplicada a pesquisa todas as sextas-feiras, no período vespertino que é o oposto ao que a aluna estuda, no horário das 14h às 17h. A quarta etapa foi a nova aplicação do Instrumental Provinha Brasil, que teve como objetivo a verificação da aprendizagem da aluna a ser comparada com a primeira etapa da pesquisa. A quinta e última etapa foi a análise dos resultados obtidos durante toda a pesquisa, apontando assim os avanços durante a aplicação da proposta bilíngue e suas estratégias.

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo geral analisar os avanços e retrocessos a partir da intervenção do professor do AEE e intérprete junto ao processo de alfabetização de surdo na perspectiva bilíngue.

Para atingir tal objetivo, delineou-se a pesquisa por meio dos seguintes objetivos específicos: (a) diagnosticar o planejamento do professor do AEE; (b) diagnosticar o nível de escolarização da aluna surda; (c) estruturar o planejamento conjunto entre professor do AEE e intérprete a partir da proposta bilíngue; (d) estruturar ações de intervenção a partir de uma proposta bilíngue para alfabetização de surdo; (e) executar ações de intervenção; (f) identificar as principais dificuldades enfrentadas no processo de intervenção; (g) avaliar o nível alcançado de alfabetização a partir da aplicação da proposta bilíngue.

Quanto ao critério de abordagem da pesquisa, foi realizada uma pesquisa qualitativa, uma vez que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

DESENVOLVIMENTO

Quando falamos na educação do surdo é preciso um conhecimento mais aprofundo sobre todo o processo histórico desse assunto.

A educação dos surdos passou por duas fases muito importantes até chegar à fase atual. A primeira fase foi à educação oralista, que tinha como objetivo a “recuperação” dos surdos, ou seja, uma reabilitação da fala, fazer o surdo se comunicar através da língua oral, “o oralismo não permite que a língua de sinais seja usada nem mesmo em sala de aula nem no ambiente familiar, mesmo sendo esse formado por pessoas surdas usuárias da língua de sinais”(QUADROS, 2008, pg.22).

Um outro problema do oralismo está relacionado à questão da aquisição da língua oral, pois “o surdo é capaz de captar somente 20% só capita do que é falado, além de não ser compreendido por pessoas que não convivem com ele diariamente” (QUADROS, 2008, p.23). Sabe-se que esses surdos precisam treinar a fala, ter acompanhamento de fonoaudiólogos para melhorar à dicção e sua oralidade e deixar a prioridade que é a comunicação através da língua de sinais e isso fez com que o oralismo não fosse aprovado pela comunidade surda, pois limitava a forma de expressão do sujeito surdo.

A segunda fase se constituía pelo bimodalismo ou comunicação total como também era chamada, proposta essa que:

Permite o uso da língua de sinais com o objetivo de desenvolver a linguagem da criança, mas sendo usado como recurso para o ensino da língua oral’. Os sinais passam a ser usados junto com a língua portuguesa, mas na estrutura da língua portuguesa. (QUADROS, 2008. p. 24).

O bimodalismo é um sistema artificial considerado inadequado tendo em vista que desconsidera a língua de sinais e sua riqueza estrutural e acaba por desestruturar também o português (QUADROS, 2008, p.26). O ensino não enfatiza o oral, mas sim o bimodal, as sinalizações são feitas simultaneamente a fala, mas toda estrutura utilizada é da língua portuguesa.

Quando falamos nessa fase educacional é preciso ter conhecimento das diferenças nas estruturas gramaticais das duas línguas e conseguir perceber-las nas formas de expressão.

Quando sinalizamos e falamos ao mesmo tempo, não pensamos em LIBRAS e sim em português. Isso significa que fazes um português sinalizado.

Essa proposta é bem criticada, pois há impossibilidade de preservar as estruturas das duas línguas ao mesmo tempo. Ferreira Brito (1993) salienta que as expressões faciais e movimentos utilizados na língua de sinais nem sempre são possíveis de serem usados concomitantemente com a fala, pois existem sinais que são feitos na boca. Nesse caso como

sinalizar e falar ao mesmo tempo? Não é possível, provando assim que o bimodalismo é inviável.

Na língua portuguesa a entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão, depende dessa entonação, por exemplo para sabermos se a frase é interrogativa, exclamativa, negativa, afirmativa ou imperativa, ou se for escrita precisa da pontuação. Já na língua de sinais isso é feito seguindo os parâmetros da língua e um dos parâmetros que mostra a intenção da frase é a expressão.

Segundo Quadros (2008, p. 26) existe parâmetros comuns entre a língua de sinais e a língua portuguesa, mas sem dúvidas há parâmetros diferentes, pois se não seriam a mesma língua, sendo assim não é possível serem usados ao mesmo tempo. Assim podemos afirmar que “o bimodalismo/comunicação total não foi e não será uma proposta adequada para a escolarização dos surdos” (QUADROS, 2008, p. 26), pois se percebeu ao longo do uso dessa proposta que os alunos continuaram com a defasagem no aprendizado do português: escrita e leitura e também para o aprendizado dos conteúdos escolares.

Com toda essa problemática, ineficácias e prejuízos à educação dos surdos, ganha um novo despertar, uma nova perspectiva e se inicia a transição para a terceira fase da educação de surdos: o bilinguismo, que está sendo visto com a “salvação” para educação dos surdos, que até hoje foram prejudicados pelas fases anteriores, pois nenhuma estava obtendo êxito na alfabetização e no seu desenvolvimento. Essa proposta objetiva a melhoria na educação do surdo, uma vez que respeita a autonomia das línguas de sinais, língua materna do surdo a L1.

A proposta bilíngue segundo Quadros (2008, p.32 e 33) “é trabalhar todos os conteúdos na língua nativa das crianças surdas”, ou seja, LIBRAS e trabalhar a língua portuguesa momentos específicos das aulas com leitura e escrita da língua.

Com o surgimento do Bilinguismo, é priorizado a Língua de Sinais como sua primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua, não fala mais de limitações, mas sim de novas possibilidades. Vê a Língua de Sinais como seu maior meio de concretizar a aprendizagem, dessa forma pode-se deduzir que a oferta de oportunidade educacional sempre favorece para a melhoria do desenvolvimento linguístico dos surdos e isso é imprescindível para a evolução de cada um deles.

A proposta bilíngue garante ao aluno o acesso aos conteúdos curriculares na sua língua materna “LIBRAS” e diz que: “o aluno precisa garantir a aquisição da língua de sinais, bem como da língua portuguesa em contextos educacionais distintos” (LODI, et al. Orgs. 2015, p. 50) sendo ensinados com base em metodologias utilizadas para o ensino de uma segunda língua. Essas metodologias partem das habilidades interativas e cognitivas já adquiridas pela criança

surda diante de suas experiências com LIBRAS. Dentro dessa concepção bilíngue é criado um ambiente apropriado para o processo de ensino/aprendizagem, respeitando as duas línguas L1 e L2 e assegurado o pelo desenvolvimento da criança surda, pois oportuniza o acesso completo aos conteúdos curriculares.

A proposta bilíngue é a mais indicada para alfabetização do surdo, uma vez que levará os conhecimentos específicos em Língua de Sinais. Nessa proposta os materiais devem ser adaptados pelo professor em parceria com o tradutor/intérprete de LIBRAS, devem ser inseridas imagens ao lado das palavras chaves do texto, usar vocabulários escritos com imagens, matérias lúdicos e visuais, além de utilizar as experiências que o aluno já possui em LIBRAS. Lembrando sempre que o surdo é visual e precisa desse recurso para sua aprendizagem.

A necessidade do ensino da segunda língua, em sua forma escrita, se baseia na estreita relação existente entre cidadania e competência comunicativa e sabe-se que o sujeito surdo se depara com a demanda constante de produzir, ler e até de comunicar de forma escrita, pois temos uma minoria de ouvintes que sabem língua de sinais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola E.E.F.M. Manuel Bandeira no ano de 2016 tinha 523 alunos matriculados, destes somente 14 alunos necessitavam do atendimento do AEE.

Quando se iniciou a pesquisa-ação foi realizado o levantamento dessa demanda, e para surpresa da pesquisadora somente uma era DA (Deficiência Auditiva) os outros 13 alunos eram DI (Deficiência Intelectual).

No caso específico da aluna surda, ela vai mais de uma vez por semana na escola no período oposto ao que está matriculada. Isso porque tem atendimento com a Intérprete de LIBRAS que realiza um trabalho voltado para o ensino da sua língua materna LIBRAS, já que a mesma não tem contato com seus pares e porque a escola ainda não possui um instrutor surdo para esse ensino, também ensino da Língua Portuguesa, além de apoio na realização dos trabalhos solicitados em sala de aula.

Durante a pesquisa foi necessário um trabalho voltado para formação docente, uma vez que a professora e a Intérprete não possuem conhecimentos acerca da proposta bilíngue na educação de surdos. Esse trabalho foi realizado em 2 (dois) encontros onde foram explicados os fundamentos da proposta bilíngue para alfabetização dos surdos, a elaboração das atividades bilíngues, conceito sobre a cultura surda e o processo de ensino-aprendizagem para esses

alunos. Essa formação específica para professora do AEE e intérprete foi de grande relevância, pois elas dão suporte aos demais docentes que atuam com a aluna surda na escola.

A pesquisa foi dividida em cinco etapas e será descrita de forma narrativa, a fim de evidenciar as intervenções, dificuldades e avanços no decorrer do processo.

1ª ETAPA

Para o início da pesquisa foi necessário à aplicação do instrumental Provinha Brasil que tinha como objetivo de diagnosticar o nível de alfabetização da aluna. Essa aplicação foi de suma importância uma vez que não seria possível se trabalhar com a aluna desconhecendo o nível de sua alfabetização.

O instrumental escolhido “Provinha Brasil” foi pensado, pois não seria necessário a criação de um novo instrumental de avaliação, se já temos um tão eficiente e criado pelo MEC para averiguação justamente do nível de alfabetização dos estudantes brasileiros.

O instrumental sendo aplicado em alunos do 2º ano do ensino fundamental não seria muito simples para uma aluna matriculada no 1º ano do ensino médio? Seria se a mesma não tivesse dificuldades com a escrita/leitura da língua portuguesa. Mas como em conversas anteriores com a intérprete da escola que já havia apresentado as dificuldades dessa aluna, foi optado por esse instrumental, pois de forma sucinta poderíamos evidenciar o nível de sua alfabetização.

Para aplicação do instrumental foi utilizada a sala do AEE da escola, juntamente com a equipe da sala. Na oportunidade foi explicado a aluna como seria o desenvolvimento da pesquisa-ação e questionado seu interesse de participação nessa pesquisa. A aluna expressou seu interesse e disse estar feliz, pois reconhece a importância de aprender o português para seus estudos e até mesmo para se comunicar com ouvintes não usuários da LIBRAS.

No início da aplicação da avaliação, já se percebeu a dificuldade da aluna através do seu olhar, que sempre buscava a intérprete de LIBRAS que a acompanha nas aulas, olhar esse de socorro. No momento pensei que pudesse ser nervosismo ou vergonha. Pedi que se calmasse e avisei que se tivesse dúvidas, poderia perguntar. Também foi explicado que esse trabalho não seria para prejudicá-la, pelo contrário ajudá-la na melhoria da escrita e da leitura.

Durante a aplicação da avaliação percebeu-se que a aluna não conseguia entender o que o enunciado solicitava, tão pouco conseguia ler os pequenos textos da avaliação. Nesse momento não restou alternativa e precisei traduzir toda a avaliação em LIBRAS, afim de que a mesma conseguisse responder a avaliação.

A equipe do AEE juntamente com a pesquisadora iniciou a correção e análise da avaliação, chegando à conclusão quanto que o nível da alfabetização da aluna era o silábico-alfabético.

Para analisar o nível de alfabetização foi necessário uma reflexão na teoria da psicogênese da língua escrita de Ferreiro (1986, p.26) que afirma que “toda criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada”.

2ª ETAPA

Nessa etapa da pesquisa foi elaborado um plano individual de trabalho para aluna surda, uma vez que o plano já existente na sala do AEE não contemplava a necessidade da aluna e nem se baseava na proposta bilíngue.

Na oportunidade foram desenvolvidas diversas atividades para serem aplicadas no decorrer da pesquisa-ação e explicado a equipe como proceder dentro dessa proposta.

Essas atividades estão pautadas na proposta bilíngue, pois são utilizadas LIBRAS, imagens e a língua portuguesa e sua metodologia é de ensino de segunda língua.

Essa construção foi realizada de forma colaborativa com equipe do AEE, uma vez que darão sequência a esse trabalho.

3ª ETAPA

Nessa etapa foi realizado todo o trabalho de ensino da língua portuguesa para a aluna surda, usando a metodologia de ensino de uma segunda língua, baseada na proposta bilíngue.

Nessa etapa houveram diversas intervenções e também obstáculos como qualquer ação que envolva o processo de ensino-aprendizagem. Esse processo teve início de terceiro bimestre letivo de 2016 e concluiu-se no quarto bimestre letivo de 2016.

O processo de ensino aprendizagem da aluna se deu com a aplicação de diversos materiais elaborados pela pesquisadora e equipe do AEE baseados no bilinguismo.

Esse material foi construído usando imagens, libras e português escrito e objetivo de facilitar a assimilação da escrita e leitura da L2.

As atividades elaboradas começaram com textos pequenos e ensino dos vocabulários básicos do texto, conforme figura a baixo, ou conhecidos como palavras chaves do texto, que foram trabalhados em mais de um encontro.

Um fato relevante a ser exposto é que, não era dado sequência para outra atividade caso a aluna não tivesse aprendido de fato. O trabalho se iniciava com a explicação do texto em libras e em seguida apresentado em português. Eram apresentadas as palavras chaves do texto em forma de vocabulário, explicado a significação de cada palavra e utilizado das outras atividades para fixação do aprendizado dessas palavras. Nessa etapa precisou-se trabalhar os

significados das palavras para que a aluna fizesse a assimilação e fixação quando tinha a correspondência entre escrita e imagem.

As atividades elaboradas foram ganhando complexidade conforme o desenvolvimento da aluna durante a pesquisa. À medida que se percebia a evolução da aluna, era elaborado textos maiores e de maior complexidade. Além de oferecer a aluna vocabulários livres e dirigidos para verificação do nível de aprendizado da mesma.

Como a identidade surda se constrói dentro da cultural visual, é fundamental que as atividades didáticas e pedagógicas sejam pensadas na perspectiva da cultural surda. Considera-se necessário que os processos de ensino e aprendizagem sejam integradores e significativos na cultura surda. Assim após todo esse trabalho de ensino das palavras, era entregue a aluna as atividades correspondentes a cada texto.

4ª ETAPA

Nessa etapa foi realizada a nova aplicação do instrumental Provinha Brasil.

A aluna refez a avaliação sem a necessidade da interpretação literal da prova, pois conseguiu entender o que o enunciado solicitava. Diferente da aplicação inicial, nessa etapa não houve nervosismo e nem preocupação por parte da aluna, pois a mesma se sentiu confiante para responder toda a avaliação.

Foi possível perceber que a aluna antes não tinha se quer a definição entre letras e números e após todo o trabalho da pesquisa-ação ela obteve um grande progresso, conseguindo entender essa diferenciação e assimilar novas palavras para seu vocabulário da língua escrita. As evidências comprovam essa melhora no processo de alfabetização, uma vez que antes usava apenas de hipóteses e agora usa de fato a leitura das palavras para responder.

5ª ETAPA

Nessa etapa foi realizada a análise dos resultados da pesquisa-ação, onde pode-se constatar a evolução da aluna durante todo o processo de ensino.

A aluna se sentiu motivada a dar sequência nos estudos, uma vez que terá oportunidade de igualdade. Ela afirma que buscará aprender a cada dia mais e que esse trabalho foi o ponto inicial para sua formação. Assim pode-se afirmar que essa pesquisa foi de grande relevância para aluna surda, uma vez ajudou minimizar muitas dificuldades no processo de alfabetização, além de melhorar a perspectiva da aluna, quanto sua formação. A mesma acredita que conseguirá estar alfabetizada na L2 antes de ingressar no ensino superior, pois esse trabalho iniciado em 2016 será levado adiante até a conclusão do ensino médio. Assim espera-se que essa problemática da alfabetização seja minimizada e que a mesma tenha mais qualidade em sua educação/formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foram apresentadas teorias e reflexão sobre o ensino da língua portuguesa para surdos como segunda língua, e evidenciado a aplicabilidade da proposta bilíngue para sua alfabetização. Apesar da proposta bilíngue estar idealizada pelo Decreto 5.626/05 ainda não é implantada nas escolas brasileiras, deixando o prejuízo aos alunos surdos matriculados, pois não obtêm resultados positivos na sua alfabetização e isso acarreta problemas durante toda sua formação. Diante disso o presente trabalho apresentou etapas utilizadas para melhoria dessa realidade e resultados positivos durante toda ação, podendo servir de base para novos estudos e de ferramenta para o ensino da L2 para surdos, pois mostra estratégias e metodologias utilizadas nesse processo.

Durante a pesquisa-ação foi possível diagnosticar o planejamento do professore do AEE e fazer as adaptações necessárias, pois o planejamento não era adequado, verificando assim a falta da formação dos profissionais da sala multifuncional e demais professores que atuam com a aluna surda. Diante dessa realidade foi realizado um trabalho de formação para equipe do AEE uma vez que os demais professores não tinham condições de participar dessa formação, devido suas cargas horárias. Mas com a equipe do AEE tem ligação direta com os demais professores e conhecem a demanda da aluna, farão o intercambio desse aprendizado.

Outro diagnóstico realizado foi quanto ao nível de alfabetização da aluna surda que se encontra no nível silábico-alfabético, conhecendo poucas palavras, não tendo a noção básica entre números e letras, entre outros. E ao final obteve um resultado muito positivo, conseguindo evoluir seu nível para o alfabético e fazendo a distinção entre números e letras, aquisição de novas palavras, assimilação de palavras mais complexas, além de conseguir realizar leitura de textos pequenos com figuras.

Durante a pesquisa-ação foi atingido uma meta muito relevante para formação da aluna surda. Essa meta foi à reestruturação de um planejamento individual baseado na proposta bilíngue para alfabetização da aluna. Essa ação foi realizada em parceria com a equipe colaborada e servirá como base para os demais anos letivos, servindo de modelo para novos planejamentos. As intervenções realizadas com aluna surda serviram para enriquecimento prático-pedagógico de todos os colaboradores e pesquisadora, pois a cada encontro pode-se aprimorar novos saberes e conhecimentos a respeito do ensino da L2 para surdos, além também da gratificação pelo aprendizado da aluna.

Na implantação da proposta bilíngue foi visível o crescimento intelectual da aluna e sua evolução, pois conseguiu ler e entender o que estava no papel, coisa que antes não tinha muito significado. A aluna conseguiu elevar seu nível alfabético e chegar a um bom resultado que foi a mudança de um nível para outro. Esses avanços ficaram evidentes nas leituras já realizadas de pequenos textos, enunciados, além da melhora no rendimento escolar, pois está motivada a aprender mais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Congresso Nacional. Lei 10.436/2002, 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso: em 13 jul. 2016.
- BRASIL. **Decreto Nº 5.626/2005, 22 de dezembro de 2005.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 13 jul. 2016.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração social e educação de surdos.** Rio de Janeiro: Babel, 1993.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma Gramática de Língua de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LODI, Ana Claudia et al.(Org.s). **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos.** Porto Alegre: Mediação, 2015.
- PERLIN, G. **Identidades surdas.** 2005 In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998. P.51-73.
- PERLIN, G. T. T.; STROBEL K. **Fundamentos da Educação de Surdos,** Universidade Federal De Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2006.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997 – reimpressão 2008.
- SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos.** São Paulo: Paulinas, 2010.
- SACKS, O. **Vendo vozes.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.